



DOR E SACRIFÍCIO CORPORAL: UMA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA NA PRÁTICA DO ATLETISMO

Mayara Cristina Mendes Maia
Antônio de Pádua dos Santos
José Pereira de Melo

RESUMO

O presente trabalho investigou a construção da dor e o sacrifício do corpo na prática do atletismo. Tivemos como locus investigativo atletas velocistas e de longa distância, juvenis e adultos pertencentes a equipe de Corredores Desafio. No plano epistemológico, utilizamos os aportes da Sociologia Clínica que, segundo Gaulejac (2001) é uma abordagem centrada na relação indivíduo-sociedade. Compreendemos ao final da pesquisa que, não existe realidade social sem significado subjetivo para os que nela vivem, nem mesmo o esporte e a construção da dor e do sacrifício do corpo e que cada ato individual, cotidiano e singular só existe como produto do que é dado ao ser humano viver na sociedade e na cultura às quais pertence.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Subjetividade; Dor; Atletismo.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta nesse artigo é trazer aspectos teóricos e metodológicos que considere e compreenda o sujeito envolvido na prática do esporte de rendimento, para além do consumo, do mercantilismo e da competição. A partir desse olhar, acreditamos na possibilidade de podermos compreender como o atleta se produz e é produzido diante dos diversos aparatos sociais que o cercam. Considerando o pressuposto que os atletas envolvidos na prática do esporte de rendimento, em especial o atletismo, afirma-o como uma marca importante nas suas vidas, mesmo que para isso tenham que sacrificar o corpo.

Nesse sentido, traçamos como objetivo compreender e investigar a construção da subjetividade na prática do atletismo envolvendo o jovem adolescente e atletas adultos na sua experiência da dor e do sacrifício corporal, articulando, nessa análise, aspectos socioculturais da contemporaneidade. Em termos metodológicos trataremos de uma abordagem qualitativa, no sentido de podermos alavancar os elementos indispensáveis para a concretização das análises.

Tivemos como locus da pesquisa, atletas velocistas e de corridas de longa distância que treinam no Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente professor Otto de Brito

Guerra (CAIC), situado no bairro de Lagoa Nova na zona Oeste da Cidade do Natal/RN e na pista de atletismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.¹

Pretendemos compreender essa prática levando em consideração a interioridade e a exterioridade dos sujeitos, e, como fonte principal para a compreensão desse fenômeno, os seus relatos de vida, cujas análises devem ser sempre perspectivadas a partir de determinadas dimensões socioculturais. Nesse sentido, o sujeito não se restringe a interioridade, pois tem como necessário o contra ponto da exterioridade, para que possa inscrever-se nos registros do pensamento e da ação, submetendo-se aos imperativos da linguagem e do gozo. O registro da exterioridade configura-se pelo pólo autoritário do outro. “É o outro como linguagem e como ser que é o contraponto fundante do sujeito, pois é pela mediação do outro que multiplicidade de coisas e de objetos do mundo se ordena para o sujeito como um conjunto significativo para o seu desejo” (BIRMAN, 1994, p.111-112). Nesse sentido, a exterioridade não fica restrita apenas ao conjunto de objetos e desejos, os quais o sujeito precisa mediar para a satisfação e o gozo dos seus desejos.

No plano epistemológico para a pesquisa, tivemos a influência e os aportes da Sociologia Clínica que, segundo Gaulejac (2001, p. 37) é uma abordagem centrada na relação indivíduo-sociedade. Para o autor, a sociologia clínica tem uma orientação sustentada em três pilares importantes:

- 1) A análise das articulações entre os determinismos sociais e os determinismos psíquicos; 2) a questão do sujeito nas ciências humanas e sociais; 3) a *démarche* clínica como condição necessária ao desenvolvimento de uma sociologia crítica. (GAULEJAC, 2000, p.37).

O indivíduo dentro dessa linha de pensamento é multideterminado, sendo produto de uma história complexa e singular que diz respeito a seu desenvolvimento psíquico e a sua existência como ser social, encarnado em relações sociais que vão determinar uma época, uma cultura, mas alerta que "essas determinações não são equivalentes, embora sejam dificilmente dissociáveis" (IDEM, p.37).

A sociologia clínica vem elucidar a questão do sujeito na sociedade, especulando sua existência enquanto ‘ser’ social que pensa e age, sobretudo que *sente, busca prazeres e sofre*. Contempla, em sua abordagem qualitativa, questões referentes ao sujeito não apenas como ‘produto’, mas prioritariamente enquanto ‘produtor da história’ e, particularmente de sua história (a sua história para a qual procura dar sentido).

[...] A sociologia clínica procura apreender a história dos homens como momentos de ruptura, de continuidade e/ou de escolha que se elaboram nos

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

espaços incertos e que não são produto do livre arbítrio, nem consequência lógica de determinações estruturais, mas que são respostas que os indivíduos e os grupos dão face às situações contraditórias. (GAULEJAC, 2000, p.77).

Gaulejac (2000, p.79), observa que o objeto da Sociologia Clínica é "compreender a relação entre o ser do homem e o ser da sociedade", como também a "dialética entre a historicidade, entre o indivíduo que é história e o indivíduo que faz história" (IDEM, p. 77). Nesse sentido, a sociologia clínica vem a contento, fortalecer nossa postura frente aos sujeitos implicados na análise.

A sociologia clínica pauta-se na experiência social do sujeito, mostrando a contradição que existe na sociedade e a necessidade do sujeito se firmar dentro dessa contradição. Por isso, o fato de estar sempre submetido a uma multiplicidade de determinismos cheios de contradições que força o indivíduo a buscar as suas escolhas e desenvolver sua autonomia. Por isso o viés da subjetividade subjaz nessa discussão.

Quando colocamos outro viés, poderíamos também colocar outra cena ou um novo direcionamento do olhar, isto para podermos situar a vasta amplitude que comporta falarmos e entendermos a subjetividade como um campo de vivências na qual as representações e fenômenos, forjados pela produção histórica e social que fez (e faz) o homem de hoje ser como acredita ser (GAULEJAC, 2001). Nessa acepção, entendermos a subjetividade como uma construção, então seu desempenho e seu conteúdo não podem ser matizados por nenhuma tendência à naturalização, ou seja, não podem ser vistos como uma espécie de "fluxo de acontecimentos" pelo qual, por razões desconhecidas ou "superiores", deslizam os significados da existência humana e de sua instituição.

Nesse sentido, a nossa proposta consistirá em ver como alguns acontecimentos envolvidos com o fenômeno social, o esporte e neste, o atletismo e a construção do sacrifício na sua prática e o que justifica esse sacrifício. Isso nos leva, apesar da dificuldade, a um tipo de abordagem que suscita uma "outra cena" (ENRIQUEZ, 1997), na qual esses próprios acontecimentos também possam ocorrer. Em outras palavras: vamos propor um ângulo de visão do problema, de forma que assim se elucidem outras facetas de questões matizadas, por algum tipo de visão que encoraja um redirecionamento do olhar.

ANÁLISE DO FENÔMENO

O tema do sacrifício físico, mas também material e social, é bastante presente nas expressões dos entrevistados. Nossa pesquisa parte, portanto, do pressuposto do *sacrifício corporal* que os atletas vivenciam, no seu dia-a-dia, ao praticarem atletismo.

A partir dessa pista, nossa interrogação inclina-se para pesquisar, junto ao atleta "confirmado" e ao jovem postulante a atleta, o significado do sacrifício corporal e dos atos de renúncia ("ritos sacrificais") que eles são levados a se submeterem e "cumprirem".

Segundo Durkheim (1989, p.374) quando escreve sobre a dor e o sofrimento no campo religioso, afirma ser essa extremamente necessária, pois sem ela não existe a passagem do profano para o sagrado, em razão de que o "homem não pode entrar em relações íntimas com as coisas sagradas senão com a condição de se despojar do que é profano nele". Trazendo esse pensamento do autor para outro campo, que é o esporte de rendimento, encontramos nos atletas uma grande abnegação por determinadas práticas, que podemos interpretar como profanas e que não podem fazer parte da vida de um verdadeiro atleta. O profano se dá na relação e inserções em atividades proibidas: como ir a festas. Isso é demonstrado com muita veemência por todos os atletas, como um grande empecilho para se chegar ao plano sagrado de ser um atleta de ponta, um campeão. Esses cultos profanos é que Durkheim (1989, p.376) chama de negativo, este sendo "um meio visando um fim: é a condição de acesso ao culto positivo" que "não se limita a proteger os seres sagrados contra os contatos vulgares; age sobre o próprio fiel". O atleta como o fiel religioso, passa por essa provação de não se inserir nas coisas profanas para alcançar o plano do sagrado, purificar-se.

A ordem relacionada ao sagrado está distante do indivíduo comum, mas ao mesmo tempo representa uma ordem social que baliza o ser e o não dever-ser dentro de uma coletividade, influenciando os comportamentos, sentimentos e pensamentos, expressando de maneira positiva ou negativa a manutenção dessa mesma ordem. Ser sagrado é ser proibido, não violado, por isso reclama pra si as interdições, ao contrário, o profano é o que se aplica as interdições. Nesse sentido, sagrado e profano não andam juntos nem tão pouco se misturam, estando o sagrado protegido do contato com o profano pelo principio das interdições.

Ao sacralizar a natureza, por exemplo, o atleta, apresenta-a como o "dever ser" – sua liberdade, sua selvageria, sua indomabilidade – criando, por oposição, os interditos que lhe provocam o desejo de ultrapassar as condições de segurança e conforto, de domesticabilidade que o ambiente que vivencia lhe oferece. Ao quebrar as interdições da regra "praticar esporte no meio domesticado", ele amplia seus horizontes e passa a jogar com a incerteza, com a imprevisibilidade dos atalhos. O homem é movido pelo desejo da quebra dos interditos, pelo verdadeiro uso de sua liberdade, pela vontade de transpor limites. Tanto o homem que segue esse desejo como o que se acomodou, sem ser seduzido pelo desafio de ultrapassar o que já foi alcançado, são movidos pelas interdições interiorizadas, pelos fantasmas que habitam seu

interior.

A partir das nossas observações no campo empírico, podemos afirmar que a prática desse esporte se torna verdadeira maneira de viver dos atletas, e isso é que faz com que siga todas as subordinações, renúncias e proibições que esse impõe, fazendo desses atletas pessoas sagradas e é isso que Durkheim entende ser o asceta puro "o homem que se eleva acima dos homens". O asceta no campo do esporte pode ser compreendido como essencial. Como a Magnólia² que fez da metade da sua "vida dedicada ao atletismo. Vou fazer 50 anos e 37 de atletismo. Então, muito mais da metade da minha vida eu vivi [para o atletismo]". Fez a sua opção de vida que, aos olhos desavisados é uma tortura, mas para ela é uma escolha e que lhe dar bastante prazer. Isso nos mostra o esporte, para além do consumo, da alienação, da sua prática como saúde ou não saúde, como muitos já o fizeram. Mas de vê-lo como uma maneira dos indivíduos vencerem, se excitarem, desencadeando desta feita, uma emoção criadora dentro das amarras de uma cotidianidade pautadas por regras e condutas bastante rígidas.

Nas práticas ascéticas, as dores impostas não são consideradas como cruéis, por ser necessária para o fortalecimento do homem, desprezando a vida fácil e os prazeres comuns da vida cotidiana. Segundo Durkheim (1989, p.382) "o ascetismo não serve unicamente a vida religiosa [...] a sociedade, também só é possível a esse preço", exigindo muitas vezes sacrifícios perpétuos e rudes. Isso é o que aparece de uma maneira não muito fácil de ser interpretada, nos atletas em questão. Mas deixam pistas nos seus relatos quando a aceitação da dor e do sofrimento são coisas necessárias para o convívio sem drama e sem culpa, na prática do atletismo.

Nos atletas, seja, o mais jovem ou o adulto, o convívio com o sofrimento é um dado constante. Este encarado como necessário e importante, como afirma Sebastião: "sofrimento é importante [...] Sem ele ninguém consegue nada vida". Esse sacrifício dá-se de várias maneiras, como por exemplo, deixar de ir a festas para não cansar o corpo para o treino. Paulo³ comenta primeiramente que "não gosta de ir a festas" e reforça essa afirmação com o seguinte comentário: "um verdadeiro atleta, um atleta de verdade, [não vai a] festa não! Não sou muito chegado". A renúncia (de algo "profano") está associada a uma aspiração, qual seja, a de vir a ser um "atleta de verdade", isto é, uma "pessoa incomum", ou ainda, "transcender" ("superar"). A atleta Magnólia foi mais enfática nesse tocante: "fazer bem feito tem um preço e eu fui consciente que eu não queria uma vida das pessoas mais comuns". Isso fez com que ela abdicasse sob alguns aspectos na sua vida pessoal para ser atleta de ponta, para chegar ao

² Atleta Máster com 37 anos da sua vida dedicado ao atletismo.

³ Atleta juvenil, 18 anos, que participou da nossa amostra.

ápice da sua carreira. Assim, sofrem com as interdições, e as festas aparecem como sendo o principal interdito, como afirma Enock⁴ "o atleta também não pode ir muito a festa, por que vai pesar no treinamento, não vai servir de nada. Também não estou fazendo muita questão não". Podemos afirmar a força que essa prática irradia nos atletas deixando pouco espaço para as transgressões. Quando essas acontecem o atleta é punido moralmente pelo seu técnico, isso por que ouvimos um deles dizer que "atleta que vai a festas, é um mal sinal, não pode", aí, os motivos colocados são variados como: desgaste físico, exposição bebidas alcoólicas.

Podemos observar em alguns discursos dos atletas que o significado da dor aparece como um elemento essencial para se tornar um atleta; trata-se de obstáculos a serem vencidos e não fatores limitantes. A dor é um componente diário na vida do atleta, por isso é necessário "suportar muita dor porque diariamente a gente tá sentido muita dor, aí, é como Figueiredo⁵ diz "a dor é apenas um que está torcendo contra você" (SEBASTIÃO⁶). Ultrapassar a dor é ultrapassar o limite do corpo: "eu acho muito importante, acho importante superar é melhor do que ganhar, a pessoa conseguindo fazer seu melhor sabe, não importa se ganhou ou ficou em último, mas sempre superando, é bom" (PAULO). É nesse sentido que nos parece que Durkheim nos traz uma contribuição para um melhor entendimento do que venha a ser o significado da dor para determinados sujeitos. Franciélío⁷, ao falar sobre o atletismo, entende que este impõe sacrifício na sua prática, contudo não há nele expressão de desprazer: "[É] prazeroso esse negócio de treinar pra ficar só o bagaço. Treinar suado ao meio dia em ponto no sol, eu acho bom demais. Sinto até cólica".

Um autor neste eixo de análise que nos interpela é Badinter (1993, p.70) que nos seus estudos a respeito dos ritos iniciáticos, chama-nos a atenção no que esses ritos apresentam como características, que é a mudança de estatuto de criança para homem adulto. Nessas sociedades ditas ritualizadas, a busca desse objetivo de ser homem é cercada de grandes desafios, nos quais a provação da virilidade é uma constante, para que venha diferenciar-se da mulher já que para estas a passagem (de menina para uma mulher adulta) é demarcada pela menstruação. No homem, o processo não é tão natural assim, ou seja, "tornar-se homem é uma operação comandada pela vontade". Isso exige passagem por provas cruéis "muitas vezes dramáticas e públicas" (IDEM, p.73).

⁴ Atleta juvenil, anos, que participou da nossa amostra.

⁵ Técnico de atletismo e técnico da Magnólia entre outros atletas. Já foi técnico e chefe de delegação da seleção brasileira de atletismo por diversas vezes.

⁶ Atleta juvenil que fez parte da nossa amostra.

⁷ Atleta adulto que fez parte da nossa amostra.

Franciélío⁸, ao comentar a respeito do que é ser atleta, se entusiasma bastante e afirma que “é quase tudo. Homem! Deixa eu ver! Deixa eu ver se eu posso explicar!”. Ele afirma que ser atleta é ter objetivo e ter como cumprir aquele objetivo. Correr atrás dele. Diz, “É tipo você tá na batalha pra conseguir vencer. Não é que seja um sacrifício, nem um esforço, é um prazer – pra mim é isso. Muito importante”. Ele não entende a dor como uma coisa limitante, mas como um obstáculo a ser vencido, ultrapassado. Completa seu pensamento dizendo:

"Se você tá no esporte, se não quer sentir dor é melhor você não tá. Porque a dor é companheira de atleta. Agora é assim, toda dorzinha você não pode se render a toda dor. Então você tem que tá ali. A dor vai aparecer? Vai! Todo dia você vai treinar, vai cansar, não sei o que, mas você tem que treinar, não pode, a dor é companheira do atleta". Não entende a dor como uma coisa limitante, mas como um obstáculo a ser vencido, ultrapassado". (FRANCIÉLIO⁹).

O que nos faz trazer uma maior atenção, na reflexão da dor e do sofrimento nesse trabalho é entendermos que para além do envolvimento físico e psicológico, a dor sendo um componente diário na prática desse esporte, é também entender a sua importância para os atletas. Ao observarmos o relato da atleta Jussara¹⁰ ela afirma que a dor e o sofrimento é "importantíssimo, é valido, faz parte do atletismo".

Nesse sentido, entendemos a dor como um marco importante para ser atleta de verdade. No atletismo essa é assumida por todos e de maneira coletiva. A superação é colocada como resultado desse sacrifício, ela parece ser aquilo que dá o espaço que atribui o valor de ser um verdadeiro atleta.

A superação, aliada a dor e o sofrimento, é uma constante para esses atletas. Ela é importante porque, segundo Eliezer¹¹, no esporte você tem que estar sempre se superando. Ele afirma que “às vezes você não se supera nem dentro da pista, você tem problemas fora, desconta dentro da pista, mas já é uma superação do seu problema. Na pista, vence a dificuldade para que a gente se supere”.

A dor é uma aprendizagem importante e passa pelo comportamento de frieza do atleta, de aceitá-la sem reclames nem lamentos. A adequação do atleta passa por essa capacidade de suportá-la. Isso não é fácil de compreender, mesmo com um olhar mais atento, de se saber se vem da vontade ou de uma adaptação fisiológica ou de uma dose grande de poder de superação. Diante disso, vale observar no relato da Magnólia em determinado momento de sua carreira, quando foi participar do campeonato mundial de *Máster* em 2003. A atleta dá

⁸ Atleta adulto que fez parte da nossa amostra.

⁹ Atleta adulto que fez parte da nossa amostra.

¹⁰ Atleta juvenil que fez parte da nossa amostra.

¹¹ Atleta juvenil que fez parte da nossa amostra.

uma demonstração de sua força de vontade, de sacrifício e de superação e de uma determinação desenfreada, sem pensar que isso possa acarretar problemas de saúde para si:

“Fui ao Mundial de Máster eu não tava podendo pisar e eu viajei daqui no domingo e eu ia competir na quarta. E terminou [com] o resultado que eu precisaria fazer foi feito lá. Eu terminei vencendo a prova e estabelecendo um novo recorde mundial, no Campeonato Mundial, nos 400 metros”.
(MAGNÓLIA).

O que entendemos diante desses relatos, é uma verdadeira formação do atleta, recheada pela produção de sentido, envolvidos pela vontade de superar-se, colocando em prática valores que fazem parte de um *ethos* exigido nessa prática, para poder se tornar atleta de verdade. Vemos aí uma semelhança importante com os ritos iniciáticos, nos quais os jovens tem a "oportunidade de mostrar a todos a sua coragem, e às vezes a sua impossibilidade diante da dor e sempre o seu desprezo pela morte" (BADINTER, 1993, p.74). Salientamos que aqui atleta não é tão jovem, e é mulher, marcando uma diferença importante dos jovens que se submetem aos ritos, já que, nos quais as mulheres não participam. No atletismo, tanto os jovens, como os adultos, estão sempre submetidos a provações, sejam homens ou mulheres, durante toda carreira de atleta.

As renúncias são constantes e se apresentam de diversas maneiras, sendo a mais comum, é a de não irem a festas, como afirma Sebastião, atleta iniciante "é por que se perder uma noite de sono, por que quando a pessoa vai a uma festa, vai perder sono vai se desgastar mais, aí, eu não vou poder render como eu poderia render, sem ter ido à festa" e assim relata um outro atleta, Paulo "não gosto de ir a festa, eu acho que, atleta que quer ser um atleta de verdade, ele tem que ter a consciência de que ele desde cedo tem que abrir mão de algumas coisas".

A dor corporal é também compartilhada com atletas que participam de corridas de longa distância. Muitos daqueles com quem tivemos oportunidade de conviver, de conversar, já sentiram dor ou continuam sentindo no seu dia a dia, tendo que conviver com ela, de alguma maneira, para não terem de abrir mão de continuar treinando e participando das corridas. Cada um acha um significado para a dor. Ela se manifesta de maneira evidente na relação que os atletas constroem para poder suportá-la. As formas de senti-la e de expressá-la não se depreendem dos códigos criados culturalmente, a partir dos significados que lhe são conferidos pela coletividade ou pelo individual, que sancionam, de certo modo, as formas como ela se manifesta. Embora singular para quem a sente e convive com ela, podemos afirmar que a dor se insere num universo de referências simbólicas e imaginárias, configurando um fato cultural importante para atletas de corridas de longa distância.

O sofrimento e a dor que o corpo sofre durante a prática do esporte são entendidos como positivos. Os atletas encontram no sofrimento e na dor um desafio a mais, transformando dor em prazer e passando, muitas vezes, por situações extremas:

“Eu acho que é importante você saber conviver com a dor, porque ali é uma dor de um esforço físico, então não é aquela coisa de machucado. Então, eu acho que todo atleta tem aqueles momentos de dores. Às vezes os excessos de trabalho, às vezes o esforço físico você sente”. (JOSENALDO)¹²

“A dor é uma constante em qualquer corredor. Se tiver treinando bem ele tá sentindo alguma coisa. Não quer dizer que tenha alguma coisa errado não, é porque é comum mesmo. É convivência: vai ter que aprender a conviver com a dor né?”. (SHEYLA)¹³.

A dor que os atletas sentem ao praticar esporte deve ser compreendida como uma experiência que faz parte de uma construção subjetiva. Embora singular para quem a sente, como qualquer experiência humana ela traz a possibilidade de ser compartilhada, em seu significado, numa realidade coletiva – ainda mais quando estamos falando de atletas que estão sempre se refazendo no coletivo, mesmo que possuam interesses individuais na prática desse esporte. Para alguns atletas, a dor tem um sentido de desafio e de superação, que os faz resistir a momentos difíceis durante os treinos e as corridas. Vejamos o que relata Francimário¹⁴ ao explicar ao dor: “Com as dores? Rapaz, eu não sei nem explicar a você como é isso aí. Porque as pessoas quando vai fazer alguma coisa é porque suporta aquilo ali, entendeu?”.

A dor, para esses atletas em geral, pode ser considerada, como o faz Durkheim (1989, p. 381), como uma fonte “[...] geradora de forças excepcionais”, pois é pela “[...] maneira que o homem enfrenta a dor que se manifesta melhor a sua grandeza”. A dor e o sacrifício do corpo parecem ser extremamente necessários para que o atleta prove sua capacidade no esporte, de estar se superando, mesmo diante dela. Com essa atitude de não recuar diante da dor, o atleta conquista sua singularidade ao mesmo tempo que conquista seu espaço no esporte.

Evidentemente, Durkheim (1989) não realizou estudo a respeito da dor no campo esportivo, mas sim no religioso. Mas identificamos uma semelhança entre esses dois campos, nos quais a dor e o sacrifício do corpo estão sempre presentes. As dores impostas ao corpo na religião “[...] não são, pois, crueldades arbitrárias e estereis; são escola necessária onde o homem se forma e se fortalece, onde adquire as qualidades do desinteresse e da resistência,

¹² Atleta de corrida de longa distância.

¹³ Atleta de corrida de longa distância.

¹⁴ Atleta de corrida de longa distância.

sem as quais não existe religião” (DURKHEIM, p. 382). O sacrifício do corpo presente no campo religioso tem função de purificação, de tornar o corpo sagrado, sem pecado.

Dessa maneira, podemos afirmar que nenhuma realidade humana prescinde de dimensão social, tampouco o corpo ou a dor. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir, referem-se constitutivamente à sociedade à qual pertencem, inclusive quando se trata do significado da dor como constituinte da experiência humana, essa sendo singular e um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo, a sociedade e o esporte.

A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE

Abordar a subjetividade para entender determinados fenômenos sociais não deixa de ser um desafio. Mesmo assim, não deixamos de investir nesse estudo, que enveredou pela dimensão subjetiva dos atletas, na prática do esporte de rendimento, e mais especificamente, o atletismo, como temos relatado.

A despeito da vasta amplitude que comporta, "subjetividade" é um termo que designa o campo de vivências, representações e fenômenos, forjados pela produção histórica e social que fez (e faz) o homem de hoje ser como acredita ser. Nessa acepção, entendermos a subjetividade significa buscar compreender o ser humano como um *vir a ser*, como uma *construção* (CASTORIADIS, 1982), porém, sempre inserido numa teia social-histórica. Ao fazê-la, mobilizamos inevitavelmente muitos aspectos que colaboram para a definição do ângulo de nossa análise, como o próprio conceito de subjetividade e a pertinência de que esta pode desfrutar, ao ser equacionado com o campo dos fenômenos sociais, na ocorrência, o campo do esporte.

A subjetividade supõe a *autoconstituição*, termo utilizado por Castoriadis (1987) para definir o que está relacionado à constituição, pelo sujeito, de seus diversos domínios, sejam eles referentes à formação de classes, de grupos de relações. Acrescentaríamos a esse pensamento o esporte. De imediato, isso parece óbvio, mas passa por uma formulação: só a emergência do *eidos*, do sujeito individual ou coletivo, atinge seus modos de pensar e agir e a capacidade de inventar o mundo e a si mesmo. No campo das forças sociais, ela está sempre se construindo, portanto é salutar falarmos em subjetividade como um processo, inclusive considerá-la ao analisarmos uma prática esportiva a qual estamos realizando.

Ma, não podemos deixar de considerar que o capitalismo tem revelado a capacidade de moldar, até certo ponto, a subjetividade, que isso tem a vantagem de desfazer o mito da

subjetividade dada. Nesse sentido, o capitalismo onívoro e multiforme requer uma plasticidade subjetiva sem precedentes. Essa subjetividade é um modelo que aparece numa relação que, segundo Pelbart (2000,p. 18) é “[...] íntima com sua exterioridade inumana, com singularidades pré- pessoais que a habitam, com as diferenciações que a modificam. [...] Em suma, uma subjetividade coextensiva ao seu coeficiente de indeterminação e às metamorfoses daí advindas”.

Para Rolnik (1997b, p. 19) “As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos dessa profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque [sic] seus contornos”. Ao colocar em cheque o que é estável e fixo, essa subjetividade envolve o individual e o coletivo, indicando novas maneiras de viver, que incluem numerosos recursos para criá-las e, assim, tornam-se incontáveis os mundos possíveis. Rolnik (1997a, p. 29) reforça que “Não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil”. A rigor, é impossível dissociar essas paisagens.

Quando colocamos a problemática da subjetividade, estamos considerando que ela possa ser como afirma Guattari (1992, p. 34), “[...] parcial, pré-pessoal, polifônica, coletiva e maquínica”. Estamos falando de construções de subjetividade que se delineiam pelas intensidades vividas, tais qual a construção subjetiva observada na prática esportiva considerando a dor e sacrifício do corpo. Também podemos pensá-la como uma linha de potência que irá permitir novas formas de ser, de viver, nunca estável, sempre em processos de construção, mutável.

Ainda segundo Guattari (1990, p. 16), na contemporaneidade ocorre uma grande reivindicação de singularidades, aliada a uma construção de subjetividade heterogênea, que busca “[...] literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo”. Segue-se, dessa maneira, o sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, que não se prende somente às intervenções geradas pelos meios de comunicação, mas que se fortalece nas “mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade”.

Essa construção circulante, que acontece nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos, é “[...] assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares”, como ressalta Guattari (2005, p. 42.). Mas vale observar que, quando os indivíduos vivem essa subjetividade, ela oscila entre uma [...] relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o

indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.

Nessa acepção, subjetividade é a compreensão do ser humano como um *vir a ser*, como uma constante construção, porém sempre inserido numa teia social-histórica. Isso é fundamental para se perceber o caráter histórico daquilo que os homens singulares vivem como sendo sua própria natureza. É a subjetividade que gera a capacidade de receber e dar sentido, de fazer com que, cada vez mais, esse seja um sentido novo.

Por mais que esses sistemas construam certo grau de submissão, eles também se dissimulam. Com essa dissimulação, o que ocorre é uma produção de subjetividade, diferente do que esteve durante muito tempo em moda, em certa época, quando ela era chamada de sistemas *interiorizados* ou *internalizados*. Longe disso, o que se tem é uma produção de subjetividade, que não é dos indivíduos, individual, mas uma produção de subjetividade social, que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo (GUATTARI, 2005).

A perspectiva individual coteja diversos processos de integração e normalização. Se a normalização e a individuação serializam e individualizam, a singularização, ao contrário, liberta e inclui, na diferenciação. Segundo Guattari (2005, p. 55), um processo de singularização é “[...] algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam de todos os lados”.

Tais singularidades não são acidentais no domínio humano, como ressalta Castoriadis (1987, p. 235), mas sim são as possibilidades que os seres humanos constroem para aumentar, e não para diminuir, o “[...] interesse relativo de suas maneiras de ser, ainda que fosse apenas pelo fato de que elas podem vir a abalar, ou refutar, concepções gerais sobre o ‘Ser’ colhidas em outros domínios”, sem perder de vista que o acidental, o estatístico acontece, mas, no ser humano a singularidade pertence à essência do ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos discursos dos atletas, já podemos vislumbrar e mostrar a dinâmica da dor, e começar a pensar que esta passa pelo reconhecimento coletivo e individual. Surgindo assim, outro fator importante, a questão da superação, que não está somente vinculada às técnicas aplicadas ao corpo, não seria resultado só do mercantilismo, do consumo, mas associada, então, a questão do sujeito. Dessa maneira, voltamos a ideia de buscar a produção de sentido, gerada em torno do sacrifício corporal e da dor centrada na subjetividade dos atletas.

Entendendo o sujeito como um vir a ser, permitiu-nos a inclusão de novos significados para a subjetividade, nesse processo de construção do sacrifício, da superação e da dor, passando pelas renúncias que estes atletas estão submetidos.

A dor, segundo o que estudamos, ultrapassa qualquer ordem médica, tornando-se necessária para a prática do esporte. Passa pelo crivo da impossibilidade de se viver sem sentir dor. No caso dos atletas, o corpo esportivo é criado e significado de acordo com as regras sociais a eles concernentes.

Contudo, nada impediu para que, analisássemos esse fenômeno social, o esporte de rendimento, de acordo com o princípio de que a realidade que ele ajuda a promover e a divulgar não é dada em definitivo e que a sua própria constituição permite análises que procuram diversificar o foco de onde lançam suas proposições. A realidade social tem significado subjetivo para os que nela vivem, entre elas, o esporte, ao mesmo tempo em que o significado de cada ato individual, cotidiano e singular só existe como produto do que é dado ao ser humano viver na sociedade e na cultura às quais pertence.

BODILY PAIN AND SACRIFICE: A SUBJECTIVE CONSTRUCTION IN THE PRACTICE OF ATHLETICS

ABSTRACT

The present study investigated the construction of pain and sacrifice of the body in athletics. We had as investigative object sprinters and long distance athletes, juveniles and adults in Team Challenge runners. At the epistemological level, we use the contributions of sociology Clinic, according Gaulejac (2001) is an approach focusing on individual-society relationship. We understand that the end of the survey, there is no social reality without subjective meaning for those who live in it, not even the sport and the construction of pain and sacrifice of the body and that each individual act, everyday and only exists as a unique product of which is given human beings living in society and culture to which it belongs.

KEYWORDS: *Sport, Subjectivity; Pain; Athletics.*

DOLOR Y SACRIFICIO DEL CUERPO: UNA CONSTRUCCIÓN SUBJETIVA EN LA PRÁCTICA DEL ATLETISMO

RESUMEN

El trabajo investigó la construcción del dolor y el sacrificio del cuerpo en la práctica del atletismo. Investigamos atletas velocistas y de larga distancia pertenecientes al equipo de Corredores Desafío. En el plano epistemológico, utilizamos las contribuciones de la sociología clínica, segundo Gaulejac (2001) es una estrategia centrada en individuo-sociedad. Entendemos al final de la investigación que, no hay realidad social sin significado

subjetivo para quienes viven en ella, ni el deporte y la construcción de dolor y sacrificio del cuerpo y que cada acto individual, singular y cotidiano existe solamente como producto de lo que se da al ser humano para vivir en la sociedad y en la cultura a las cuales pertenece.

PALABRAS CLAVES: Deporte; Subjetividad; Dolor; Atletismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, J. *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*; Tradução de Guy Reynaud; revisão técnica de Luis Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. Trad. José Oscar de Almeida Marques Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 407-442.
- ENRIQUEZ, E. Prefácio ao livro *Recursos Humanos e Subjetividade*. In: DAVEL, E. & VASCONCELOS, J. (Org.) "Recursos" Humanos e Subjetividade. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ENRIQUEZ, E. *A Organização em Análise*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GAULEJAC, V. de. "Psicologia e sociologia clínica". In: CENÁRIOS SOCIAIS E ABORDAGEM CLÍNICA, J. N. Garcia de Araújo e T. C. Carreiro (orgs.). São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.
- _____. *Desafios e abordagens sócio-clínicas*. In: CRONOS, NORMA TAKEUTI (org.). Natal/RN, v.1, p. 75-86, jan/jul. 2000.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Editora: Iluminura, 2000.
- _____. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Editora: Iluminura, 2003.
- ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. *Fronteiras com a ética e a cultura*. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e Subjetividade*. Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997a. (p. 25-34).
- _____. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e Subjetividade*. Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997b. (p. 19-24).